

União e Mais Combatividade Na Luta Por Um Justo Salário-Mínimo

VOZ OPERÁRIA

Nº 372 — RIO DE JANEIRO, 30 DE JUNHO DE 1956



Durante mais de vinte dias, Iossip Broz Tito, Presidente da República Popular Federativa da Iugoslávia e Secretário-Geral do União dos Comunistas Iugoslavos, visitou o União Soviética. Nas fotos, ao lado de N. A. Bulgáin e de outras personalidades, aparece Tito falando num comício na Fábrica Kirov, de Leningrado, e entre escolares soviéticos, na mesma cidade.



NESTE NÚMERO

UM ARTIGO DA «PRAVDA»
SOBRE A CRISE DA POLÍTICA
DE «GUERRA FRIA»
(Na 3ª Página)

★
FAVORÁVEL À REFORMA
AGRÁRIA O MINISTRO DA GUERRA
(Na 3ª Página)

★
NO BALÇÃO DE WALL STREET:
JUSCELINO QUER ENTREGAR
NOSSO PETRÓLEO E MINÉRIOS
ATÔMICOS POR 800 MILHÕES
DE DÓLARES (NA 5ª PÁGINA)

A LUTA dos trabalhadores pela elevação, em bases justas, do salário-mínimo, já não permite ao governo continuar protelando, indefinidamente, o aumento. Vê-se o sr. Kubitschek — a contragosto — obrigado a decidir a questão. Pelo que se depreende, claramente, dos últimos pronunciamentos oficiais, seu esforço orienta-se, agora, no sentido de trair os trabalhadores.

ESSA traição não seria mais do que o coroamento de sua posição em relação ao salário-mínimo. Quando candidato, ele prometeu, nos comícios, debates, sabinas — prometeu e repetiu a promessa centenas de vezes — elevar imediatamente o salário-mínimo, à altura das exigências do custo da vida. Depois de empossado continuou repetindo as promessas, reafirmou-as solenemente, na grande concentração operária do Estádio do Vasco, a 1.ª de Maio.

AO MESMO tempo, porém, o ministério do Trabalho punha em prática uma vasta manobra protelatória, que já se arrasta há mais de cinco meses. E, agora, quando, no Rio e em alguns Estados, os trabalhadores obtêm vitórias nas Comissões especiais, conseguindo a fixação de níveis de salário acima dos «cálculos» do SEPT — «cálculos» feitos para justificar aumentos insignificantes, mediante uma deturpação escandalosa das proporções da carestia da vida — o sr. Kubitschek começa a preparar o terreno para decretar novos níveis mínimos de acôr-

do com esses «cálculos», inclusive rejeitando as conclusões de algumas Comissões que — como a do Rio — chegaram a aproximar-se mais das exigências do custo da vida!

ESSE é o sentido da preparação psicológica que vem fazendo o sr. Parsifal Barroso, cujas declarações à imprensa nos últimos dias, não são mais do que o eco da grita e das ameaças patronais contra o aumento, em bases menos injustas, do salário-mínimo. O ministro do Trabalho e demais porta-vozes governistas entregam-se à tarefa de preparar o terreno para o sr. Kubitschek converter em lei os níveis mínimos de salário «calculados» pelo S.E.P.T. — Cr\$ 3.600,00, no Rio; Cr\$ 3.490,00 em São Paulo; Cr\$ 1.200 no Rio Grande do Norte, etc.

TUDO isso obriga os trabalhadores brasileiros a unirem seus esforços, em todo o país, para travar e vencer a batalha final do salário-mínimo. Os operários e empregados não podem aceitar a velha e odiosa política de descarregar sobre seus ombros o peso da crise econômico-financeira que avas-

sala o país, o peso das consequências da inflação. O sr. Kubitschek nada faz para deter a carestia, para conter a inflação. As medidas — concretas e exequíveis — reclamadas pelos patriotas e democratas brasileiros, inclusive as que foram apontadas na Plataforma de 4 Pontos apresentada pelo P.C.B., para solucionar os problemas mais urgentes da nação e minorar as dificuldades do povo, não são consideradas pelo governo. O sr. Kubitschek prefere continuar pondo em prática uma política de agravamento da inflação, de encarecimento do custo da vida, de enriquecimento desenfreado dos abutres imperialistas e dos tubarões nacionais que o apoiam. Mas esta é a política do esfomeamento das massas, que o povo e os trabalhadores não podem aceitar.

O AUMENTO do salário-mínimo, em bases justas, será uma vitória dos trabalhadores contra a fome e a política esfomeadora do governo. Que se unam e se lancem à luta organizada e mais vigorosa os trabalhadores brasileiros, para conquistar, agora, esta vitória!

MANOBRAS E NEGAÇAS DO GOVERNO CONTRA A CONCESSÃO DE UM JUSTO SALÁRIO - MÍNIMO



D. T. Chepilov, Ministro do Exterior da URSS

"Para os Povos da União Soviética Os Povos Arabes São Seus Irmãos"

A visita de D.T. Chepilov, Ministro do Exterior da URSS, ao Egito independente — Comunicado conjunto egípcio-soviético.

Constituiu um acontecimento de repercussão internacional a visita do Ministro do Exterior da URSS, D. T. Chepilov, ao Egito. A viagem de Chepilov coincidiu com a data da festa nacional do Egito e a retirada do último contingente das tropas de ocupação inglesas do solo egípcio.

A sua chegada, o Ministro do Exterior da URSS fez uma declaração em que teve oportunidade de definir a política exterior soviética. Disse Chepilov, ao ser recebido pelo Ministro do Exterior egípcio Mahmud Fauzi em nome de Gamal Abd el-Nasser, Chefe do Governo: «Tenho a elevada honra de aqui representar a União Soviética, o país do socialismo, o país que repudia radicalmente a política de expansão colonial, o país que em sua estrutura econômica não tem monopólios petrolíferos e outros monopólios imperialistas que sugam a seiva vital dos Estados fracos, o país que baseia suas relações com os grandes e pequenos Estados nos princípios da completa igualdade de di-

reitos, nos princípios do respeito mútuo à soberania e da não intervenção nos negócios internos. Para a União Soviética os povos dos países árabes são seus irmãos.

Pela criação

de uma indústria nacional

No Cairo, D. T. Chepilov e os funcionários que o acompanhavam estiveram presentes às solenidades da festa nacional egípcia, em que desfilaram tanques e outras armas fornecidas pela URSS ao Egito, tendo o Ministro do Exterior Soviético sido condecorado com a Ordem do Nilo, a mais alta condecoração concedida pelo país. Igualmente, D. T. Chepilov manteve uma série de conversações com o Presidente Nasser resultando um comunicado conjunto sobre as relações egípcio-soviéticas e os problemas internacionais versados. Antes de deixar o solo egípcio para visitar a Síria, o Líbano e outros países árabes, o Ministro do Exterior da URSS fez uma declaração em que diz:

«O povo soviético deseja um Egito forte, livre e independente, com uma indústria desenvolvida e uma agricultura florescente.»

«Agora que o Egito resolveu os principais problemas políticos, confirmou sua independência nacional e criou as condições necessárias para seu desenvolvimento autônomo, o governo egípcio atribui-se, naturalmente, como tarefa, o desenvolvimento econômico do país, antes de tudo com vistas à criação de sua própria indústria nacional, considerada como uma das condições de existência independente e do desenvolvimento progressivo do país.»

O Ministro das Relações Exteriores da URSS salientou ainda que sua viagem teve como resultado estreitar a amizade entre os Soviéticos e o Egito.

«A amizade dos povos é uma aliança preciosa que não deixa nenhuma fenda e nenhuma passagem para as forças sombrias do imperialismo, que, por motivos de baixo interesse, tentam agravar as relações entre os povos, semeando a suspeição e a discórdia.»

O Comunicado Conjunto

Após o término das conversações em que o governo soviético ofereceu substancial ajuda ao Egito foi expedido um comunicado conjunto pelos governos do Cairo e de Moscou, nos seguintes termos:

«Durante as conversações que se desenvolveram numa atmosfera de amizade e de cordialidade, uma ampla troca de pontos de vista foi realizada, tanto sobre as relações entre o Egito e a URSS como sobre diversos problemas internacionais que interessam aos dois países. O sr. Dimitri Chepilov e o sr. Gamal Abd el-Nasser evidenciaram total identidade de pontos de vista sobre as questões examinadas durante suas conversações.»

«Eles concordaram — acrescenta o comunicado — em que o desenvolvimento das relações soviético-egípcias, em todos os domínios da cooperação política, econômica e cultural, corresponde aos interesses dos dois povos e constitui uma contribuição substancial à causa da consolidação da paz e da segurança. No curso das conversações, o sr. Chepilov e o sr. Gamal Abd el-Nasser assinalaram que as relações amistosas entre os dois países se orientam pelos princípios da Carta das Nações Unidas e pelos princípios bem conhecidos proclamados na Conferência de Bandung. Eles confirmam sua vontade de continuarem sua cooperação em prol da consolidação da paz geral, e expressam sua confiança em que outros países, animados do desejo da paz, contribuam para a redução da tensão internacional e para o fortalecimento da paz mundial.»

Declaração Conjunta Iugoslavo-Soviética

Sobre as relações entre a União dos Comunistas Iugoslavos e o Partido Comunista da União Soviética

A visita oficial, que durou 22 dias, de Josip Broz Tito à União Soviética culminou com um comunicado governamental conjunto e uma declaração sobre as relações entre a União dos Comunistas Iugoslavos e o Partido Comunista da União Soviética.

Tomaram parte nas conversações entre as organizações partidárias: Josip Broz Tito, Secretário Geral da União dos Comunistas Iugoslavos, Edvard Kardelj, Secretário da Comissão Executiva do Comitê Central da União dos Comunistas Iugoslavos, membros do Comitê Central da União dos Comunistas Iugoslavos Iakov Blazovic, Veljko Micunovic e Koca Popovic, e Minalko Todorovic, representante da Aliança Socialista do Povo Trabalhador da Iugoslávia; e N. S. Khrushchov, Primeiro Secretário do Comitê Central do PCUS, N. A. Bulganin, K. E. Vorochilov, A. I. Mikolain e V. M. Molotov, membros do Presidium do Comitê Central do P. C. U. S. e D. T. Chepilov, membro suplente do Presidium do Comitê Central do P. C. U. S.

No decorrer das conversações, procedeu-se, num espírito de sincera camaradagem e total franqueza, a uma troca de opiniões concretizada no acordo obtido sobre os seguintes pontos:

1 — A Declaração de Belgrado de 2 de junho de 1955 firmou sobre uma base sólida as relações dos dois países socialistas, e os princípios publicados nessa de-

claração de Belgrado, bem como os contactos entre as organizações políticas e as outras organizações sociais de seus povos, criaram condições favoráveis também a uma colaboração entre a União dos Comunistas Iugoslavos e o Partido Comunista da União Soviética.

As delegações da União dos Comunistas Iugoslavos e do Partido Comunista da União Soviética reconheceram que é indispensável continuar mantendo e desenvolver os contactos entre os dois partidos, com o objetivo de intensificar a prosperidade dos dois países, de colaborar no seio do movimento internacional operário sobre numerosos problemas levantados pelo desenvolvimento do socialismo, estender a coexistência pacífica aos povos do mundo inteiro, sem considerar as diferenças dos sistemas políticos e sociais, isto no interesse da consolidação da paz, da liberdade e da independência dos povos.

2 — Os dois partidos concordaram em que sua colaboração deve ser baseada no pleno respeito da vontade e igualdade de cada um, sobre uma crítica amistosa e sobre uma troca de opiniões, com espírito de camaradagem, sobre as questões pendentes.

claração são aplicados cada vez mais rigorosamente em sua colaboração mútua.

2 — A colaboração e o desenvolvimento geral das relações en-

Acôrdio Sobre os Problemas Fundamentais da Atualidade

O COMUNICADO CONJUNTO DOS GOVERNOS DA U.R.S.S. E DA IUGOSLAVIA

APÓS as conversações de Moscou, em 2 de junho de 1955, foi publicado um importante documento no qual os governos soviético e iugoslavo fixam posição diante de candentes problemas internacionais. Eis os itens fundamentais:

REDUÇÃO DA TENSÃO INTERNACIONAL: — Houve, durante o ano passado, importante redução da tensão internacional. Relevante papel neste sentido desempenhou a conferência dos Quatro, em Genebra.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA: — Os governos da URSS e da Iugoslávia lamentam a ausência da China na ONU e promovem empenhar-se com pertinência para que cesse a odiosa discriminação contra a grande República Popular. Urge, ainda, o retorno de Formosa e outras ilhas próximas ao Continente à soberania chinesa.

DESARMAMENTO: — Já existem condições maduras para a solução do problema do desarmamento. As armas atômicas em geral devem ser proibidas e a energia atômica empregada, unicamente, para fins pacíficos.

SEGURANÇA COLETIVA: — Os governos soviético e iugoslavo consideram que um acordo mais amplo sobre a segurança coletiva europeia, sobre a colaboração econômica e a intensificação das relações culturais contribuiria para evitar a divisão da Europa em blocos e facilitaria a solução das principais questões pendentes.

UNIDADE ALEMA: — São indispensáveis conversações entre a República Democrática Alemã e a República Federal Alemã, como meio de se chegar à unificação do país.

COMÉRCIO INTERNACIONAL: — Devem ser envidados os maiores esforços para o desenvolvimento do comércio internacional e para a eliminação de todas as formas de discriminação comercial, inclusive o embargo.

PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS: — A URSS e a Iugoslávia continuam apoiando a emancipação dos países dependentes. Utiliza-



"ANTI-IMOBILISMO" POSITIVO

A diplomacia francesa vem reanzando uma série de atividades que assinalam seu gradual afastamento da órbita norte-americana. Aos longos anos de submissão que se seguiram ao negro 1947, sucedeu um novo período em que as forças nacionais francesas voltaram a alcançar êxitos relativos. Ainda não se poderia dizer que havia um afastamento, mas já eram evidentes sinais de menor submissão, atos tão importantes como a assinatura do armistício na Indochina e a derrota da CED, no Parlamento. E' verdade que houve, no período, algumas derrotas sérias das forças democráticas, bastando lembrar a aprovação dos Acordos de Paris, pelos mesmos deputados que haviam arquivado a CED. Mas esses reveses se explicam pelo próprio processo em andamento e já não expressavam, sequer, a vontade livremente expressa do povo francês, pois é sabido que os parlamentares haviam sido eleitos muitos anos antes, na base de uma lei que negou na prática, o critério da proporcionalidade. De outro lado, embora possam ser classificados como sementeira de guerra na Europa, e constituam também uma forma de dominação norte-americana, os Acordos de Paris são menos manejáveis unilateralmente por Washington do que a finada CED que tantas saudades deixou nos promotores de guerra.

Destaque-se, ainda, que os pactos internacionais não são documentos mortos. Se a letra é fria, o espírito e as modalidades de aplicação dependem das contingências políticas, e podem ser mais expressivos que o próprio texto, tornado obsoleto desde que não reflita mais a política efetivamente praticada. Alguns exemplos esclarecem o que foi dito: os Tratados de assistência mútua e não agressão soviético-francês e soviético-britânico tornaram-se letra morta desde que foram aprovados os Acordos de Paris, pela França e Grã-Bretanha e a denúncia soviética àqueles instrumentos limitou-se a constatar uma situação de fato; da mesma forma, não foi alterada até hoje a letra do Pacto Balcânico (Turquia, Grécia e Iugoslávia) mas suas cláusulas militares, elaboradas com intuíto de agressão, pelas chancelarias americana e britânica, tornaram-se inoperantes nesse sentido, em vista da posição pacífica do governo iugoslavo.

Essas considerações são feitas para alertar os que esperam grandes gestos espetaculares como sinal de modificações profundas na orientação

dos Estados. Seria dar mostras de irrealismo aguardar, por exemplo, que as modificações na política francesa viessem a pôr em xeque, em prazo mais ou menos curto, os Acordos de Paris, ou o Pacto do Atlântico, de maneira frontal. Isso não se deu até agora, nem é provável que cedo se verifique. Por enquanto, é dentro do arcabouço da OTAN, da SEATO e de semelhantes pactos que deveremos aguardar a modificação da política de algumas potências de importância, como a França. A acuidade da diplomacia soviética percebeu isso de há muito e, atendo-se à realidade, busca entendimento e cooperação, sem exigências prévias de revogação dos conhecidos acordos de guerra que foram em má hora aceitos pela França. SEATO, OTAN, Acordos de Paris, etc., serão enterrados no devido tempo. Mas, para isso, é necessário que primeiro morram.

A recente viagem de Pineau a Washington confirma, exatamente, que embora sem romper ainda com os pactos que assinou, a França está divergindo fundamentalmente dos Estados Unidos não só quanto à sua aplicação mas, igualmente, na direção da política geral. Os sinais de descontentamento antes expressos na Conferência de Karachi (sobre a SEATO), e em Paris (sobre a OTAN) tornaram-se mais patentes após a viagem de Guy Mollet a Moscou, que iniciou um novo período de relações franco-soviéticas, em benefício da paz. Os socialistas franceses têm, à testa do governo, ido um pouco mais longe que a emissão de belas palavras em benefício da paz. O mais importante desses sinais é a anulação de Mollet à tese de que a segurança europeia não pode, nem deve ficar na dependência de um acordo preliminar sobre a unificação da Alemanha. Outro, é o acordo de independência do Marrocos sem nenhuma cláusula garantidora das bases norte-americanas nesse país. Outro, ainda, o reclamo de que seja dada maior ênfase às cláusulas econômicas dos tratados da OTAN e da SEATO. Essa política «anti-imbilista» deve ser saudada como uma contribuição à paz, embora mais limitada que a soviética, a indiana ou a iugoslava, pelas possibilidades que encerra de um real diálogo de paz, entre grandes potências de sistemas políticos e sociais diversos.

A valorização desses fatos tem importância não apenas para o entendimento de alguns grandes traços da política mundial como, igualmente, para a compreensão de alguns aspectos da política interna francesa em que os fatores internacionais desempenham papel de primeiro plano.

Aprofunda-se a Crise da Política de "Guerra Fria"

Cada vez mais alto e com maior frequência ressoam, nos Estados Unidos, as vozes que conclamam a encarar de maneira nova a situação hoje dominante no mundo. Os órgãos de imprensa das mais diversas tendências políticas daquele país reconhecem a profunda falta de perspectiva e a ineficácia total que se observam na orientação que a diplomacia americana imprime, hoje, à sua política exterior.

A revista que expressa a opinião dos magnatas da Bolsa de Nova Iorque, "Magazine of Wall Street", foi forçada a reconhecer, recentemente, que "o povo americano se acha extremamente excitado e manifesta uma atitude cada vez mais impaciente em virtude da confusão que impera em nossa política exterior".

O crescente descontentamento que domina amplos círculos sociais nos Estados Unidos decorrente da orientação que Washington imprime à sua atual política externa teve, em certa medida, expressão no discurso pronunciado pelo vice-presidente Nixon, a 8 de junho, no "Pensilvânia State College". Embora Nixon pertença ao número das pessoas que defenderam e realizaram com especial zelo a política "de posições de força" admite, porém, que essa política requer certas modificações e adendos. Alarmado, Nixon confessa que "se criarmos a impressão de que nossa finalidade principal é o armamento, poderemos ficar isolados do mundo...".

Nixon se manifesta particularmente intranquilo pelo fato irrefutável de que as idéias do socialismo possuem grande força de atração e de que no mundo "existem fatores poderosos que atuam em benefício da União Soviética na guerra por conquistar o espírito do homem". Nixon reconhece que nessa luta ideológica a arma principal são as idéias e não os canhões e bombardeiros. Os acontecimentos dos últimos tempos demonstraram evidentemente a todo o mundo quem realmente presta uma contribuição concreta e ponderável à causa do desarmamento e quem se opõe à cessação da corrida armamentista. Milhões de homens em todos os países acolheram com sentimento de profunda satisfação as mensagens sobre as questões do desarmamento endereçadas pelo Presidente do Conselho de Ministros da URSS, N.A. Bulgânin, aos dirigentes dos governos de vários países. Essas mensagens estão imbuídas do zelo sincero pela salvaguarda da paz e o reforço da segurança internacional. A opinião pública de todos os países aprova com calor a iniciativa da União Soviética, que deu exemplo de nova atitude para a solução real do problema do desarmamento e com ansiedade aguarda medidas práticas nesse sentido, da parte das potências ocidentais.

Como, porém, responderam a esse ato de paz da União Soviética os Estados Unidos da América? Já as primeiras repercussões em Washington revelaram com toda a clareza que certos políticos influentes nos Estados Unidos de forma alguma pensam seguir o nobre exemplo da União Soviética. Muito ao contrário. A julgar pelos discursos desses políticos, todos os seus pensamentos se acham voltados para a continuação da corrida armamentista e para manter a tensão nas relações entre os países.

Discurso pronunciado recentemente pelo secretário de Estado, Dulles, pode servir de exemplo claro da atração de certos círculos dos Estados Unidos pelos dogmas sedícios da "guerra fria". Falando a 9 de junho no "Iowa State College", o dirigente do Departamento diplomático americano novamente revelou-se como campeão tenaz da velha e fracassada política de "posições de força".

Não se pode encontrar nesse discurso, apesar de toda a boa vontade, a menor menção a qualquer programa construtivo de salvaguarda da paz. Tentando justificar as colossais despesas para a corrida armamentista, — que consome anualmente dezenas de bilhões de dólares, — o secretário de Estado formula em seu discurso a tese de que essas despesas são "o preço da paz", e de que a política da corrida aos armamentos é "política de salvaguarda da paz".

Se considerarmos os argumentos de Dulles, verificaremos que considera como "política de salvaguarda da paz" a construção de bases militares americanas em todo o mundo, a acumulação de armas nucleares, a manutenção em armas dos adeptos de Chiang Kai Shek e Singman Rhee. Dulles chama de "política de salvaguarda da paz" a interferência na questão dos países do Oriente Próximo e Médio, porque essa região, afirma, "fornece o petróleo indispensável à indústria da Europa Ocidental e ao sistema militar da NATO".

Finalmente, com particular satisfação, Dulles refere-se à criação de blocos e acordos militares, que são uma das causas principais da tensão no mundo de pós-guerra. Dulles afirma: "durante a última década os Estados Unidos... celebraram tratados idênticos com 42 países da América, Europa e Ásia. Esses acordos abolem para as partes contratantes o princípio da neutralidade".

"Concepção obsoleta", "concepção amoral e míope" — é assim que o secretário de Estado dos Estados Unidos considera a política independente posta em prática pelos governos de muitos povos, que não desejam suportar o jugo dos blocos de agressão.

UM ARTIGO DA «PRAVDA»

Assim, a irrefreável corrida aos armamentos e a liquidação de qualquer independência dos países membros dos blocos militares americanos — eis o que Dulles chama de "política de salvaguarda da paz" e eis para que exige quantias colossais do povo americano! Não podendo justificar essa política míope, Dulles recorre à grosseira deturpação dos fatos, tentando criar a impressão de que a causa da corrida aos armamentos nos Estados Unidos e em outros países do Ocidente é a "política de guerra" da União Soviética.

Evidentemente, Dulles de forma alguma comprova e não pode comprovar afirmações desse jaez. Na verdade, o que pode ele contrapor a fatos tão reais como a redução das forças armadas soviéticas, durante dois anos, de quase de dois milhões de homens, e como a considerável redução feita pela União Soviética em suas despesas militares?

Não é por acaso que o discurso de Dulles foi criticado pela opinião pública de muitos países. Causaram descontentamento particular, na Europa, seus ataques contra os países que realizam a política de neutralidade. Segundo escreve o correspondente em Washington do "New York Times", "certos diplomatas estão irritados, e todos os diplomatas surpresos pelas declarações do governo dos Estados Unidos a respeito da neutralidade".

Os observadores ressaltam que as sibilinas observações de Dulles, endereçadas aos países que realizam uma política independente, se explicam pelo fato de que essa política impede a subordinação desses países aos Estados Unidos e a manutenção da tensão internacional.

Até mesmo entre as paredes do Congresso Americano começa-se a admitir pouco a pouco que o atual programa da diplomacia americana para a sua política externa não pode trazer êxito aos Estados Unidos. Não há prova melhor do que as dificuldades e fracassos contra os quais ultimamente se chocaram os políticos governamentais americanos e, em primeiro lugar, Dulles, no Congresso.

Nesses dias a principal atenção dos congressistas americanos se acha voltada para o projeto de lei de financiamento do chamado programa de "garantia recíproca da segurança". Sob a bandeira desse famigerado programa, os Estados Unidos, como se sabe, impõem aos seus sócios dos blocos e alianças militares a corrida aos armamentos e estendem sua influência política aos países da Europa, Ásia, África e América Latina. O caráter militarista do programa de "salvaguarda recíproca da segurança" é tão evidente que muitos países o batizaram expressivamente de "Programa para intensificação recíproca dos armamentos".

E, realmente, dos bilhões e 900 milhões de dólares solicitados pelo governo para realizar o referido programa no novo ano orçamentário que se inicia a 1.º de junho, 3 bilhões de dólares destinam-se inteiramente às necessidades militares. Essa dotação para a corrida armamentista acelerada ultrapassa 3 vezes os recursos orçamentários aprovados para os mesmos fins pelo Congresso, no ano passado. É fácil compreender que essa "ajuda" depara-se com crescente

resistência não só nos países que os Estados Unidos procuram "favorecer", como também nos mais amplos círculos do povo americano.

Travou-se no Congresso uma luta acesa em torno do projeto de lei relativo a dotações destinadas ao programa de "salvaguarda recíproca da segurança". O governo esforçou-se no sentido de fazer aprovar integralmente a soma indicada de dotações na proporção de 4 bilhões e 900 milhões de dólares. Os dirigentes do governo e os generais do Pentágono (Departamento Militar dos Estados Unidos) desprezaram o horrível quadro de decomposição dos agrupamentos militares do tipo NATO, SEATO, e Pacto de Bagdad, se o Congresso ousasse cortar, embora pouco, as dotações destinadas à ajuda militar. Assim como nos anos passados, lançou-se mão do fantasma estereotipado da pretensa "ameaça soviética", que representaria "um perigo mortal" para os Estados Unidos e seus aliados.

No entanto, os próprios argumentos que nos anos passados ajudaram aqueles que são pelo aumento da ajuda militar fracassaram redondamente neste ano. Há dias a Câmara dos Representantes votou por uma redução de 1 bilhão e 100 milhões de dólares das dotações destinadas à ajuda militar. O projeto de lei será agora examinado no Senado.

Sem ocultar seu pesar pela decisão imprevista da Câmara dos Representantes, o jornal "New York Times" considera-a como "derrota evidente e séria" sofrida pelo governo numa questão ligada à política externa. A conclusão ainda de maior alcance chega Walter Lippmann. Em artigo publicado no jornal "New York Herald Tribune", Walter Lippmann declara que o governo fracassou seriamente por não querer elevar em conta a influência exercida pela nova situação internacional sobre a opinião pública mundial, inclusive a americana. Nessa decisão, — continua Lippmann — refletiram-se as aspirações do povo americano, que deseja a paz e não a corrida armamentista.

Assim, a própria vida, diariamente, apresenta novas e novas provas da falta de perspectiva da política de "posições de força", a qual nada pode trazer a seus organizadores e inspiradores, além de fracassos e maior aprofundamento da crise que se observa hoje no curso da política externa americana.

Existe, porém, outro caminho, que corresponde igualmente tanto aos interesses da causa da paz, como aos interesses nacionais do povo americano. É o caminho da cooperação pacífica e da igualdade de direitos entre todos os países, inclusive aqueles que possuem organização social diferente da dos Estados Unidos.

Quanto à União Soviética, comprovam novamente sua boa vontade nesse sentido as mensagens enviadas pelo Presidente do Conselho de Ministros da URSS, N.A. Bulgânin, aos dirigentes dos governos de várias potências sobre o problema do desarmamento. Trata-se agora de que os Estados Unidos, assim como outros países ocidentais, aproveitem as condições favoráveis existentes em prol do reforço da paz e de um maior alívio na tensão internacional.

OBSERVADOR

(Artigo publicado na «Pravda», de 16 de junho de 1956).

Lott Encarece a Necessidade de Uma Reforma Agrária

DISCURSO DO MINISTRO DA GUERRA NA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA

"Nossa pátria precisa de uma estrutura econômica. Do contrário, de nada valerão suas defesas militares" — afirmou o general Teixeira Lott durante a homenagem que lhe prestou a Confederação Nacional da Indústria, com um banquete realizado, quarta-feira, na Escola Técnica da Indústria Química e Textil. Para que o Brasil tenha esta estrutura capaz de assegurar efetivamente a defesa nacional,

prosseguiu o Ministro da Guerra, urge o desenvolvimento de sua indústria e da agricultura.

REFORMA AGRÁRIA

"A indústria só pode prosperar, acrescentou o general Teixeira Lott, em Sugeriu ainda o Ministro da Guerra a modificação na política de crédito rural, que atualmente beneficia apenas o intermediário ou o fazendeiro poderoso, contrariando fundamentalmente os interesses do país.

quanto à indústria, acha o general Teixeira Lott que é necessário "congregar capital e trabalho para seu maior desenvolvimento", sugerindo, neste sentido, a melhora de condições de vida dos trabalhadores, com a construção de residências para os operários junto às fábricas e assegurando-se-lhes razoáveis meios de existência. "O ser humano para progredir — afirmou — precisa de ambiente favorável, onde encontre conforto material e espiritual.

NEREU RAMOS INTERPELADO NA CAMARA

O sr. Nereu Ramos compareceu quarta-feira à Câmara para "dar explicações" sobre as violências, ordenadas por ele e o sr. Kubitschek, contra estudantes, parlamentares e jornalistas durante o protesto estudantil contra o aumento dos bondes. Mas o Ministro da Justiça não deu nenhuma explicação: procurou justificar o aumento dos preços dos bondes em benefício da Light e a truculência policial para manter de pé este assalto à bolsa do povo. As diversas interpeleções que lhe foram dirigidas pelos deputados, o sr. Nereu Ramos fugiu como o diabo da pia de água benta. O deputado Bruzzi Mendonça, entre outros, citando entrevista do comandante da Polícia Militar à revista "Manchette", demonstrou que as violências foram estimuladas e autorizadas pelo governo, o qual, por isso mesmo, não toma qualquer medida efetiva para punição dos responsáveis pelo espancamento de parlamentares, estudantes e jornalistas.

JUSTA HOMENAGEM A MEMÓRIA DO "MAL. DE FERRO"

Nosso povo revive, nestes dias, as homenagens que os republicanos sempre prestaram a um notável patriota: Floriano Peixoto, soldado e homem público que, por suas atitudes em defesa da soberania nacional, passou à História como o "Marechal de Ferro".

Muito se escreveu, no passado, sobre a nobre figura do consolidador das instituições republicanas em nosso país. Euclides da Cunha, nosso grande escritor progressista, traçou-lhe um retrato impressionante. Mas um insidioso trabalho de esquecimento da atuação de Floriano foi sendo depois paulatinamente realizado e as novas gerações quase nada sabem sobre o chefe da resistência republicana à revolta da esquadra, homem que era um exemplo de honradez e determinação patriótica.

A iniciativa, por último tomada por um grupo de personalidades civis e militares, de homenagear a memória de Floriano Peixoto, na data do aniversário de sua morte, encontrou por isso caloroso apoio por parte de todos os patriotas e democratas. Floriano Peixoto, o presidente da República que respondeu que receberia a bala os navios de guerra da maior potência da época, a Inglaterra, se aqui viessem a pretexto de garantir a vida de súditos britânicos, foi o oponente dos entreguistas de hoje, dos governos que mercadejam as nossas riquezas e a nossa soberania.

Dá o profundo significado, na hora presente, das homenagens que, no dia 29, reuniram milhares de brasileiros diante do monumento ao consolidador da República, na praça que tem o seu nome, no Rio de Janeiro.

Declaração do Birô Político Aprovada Pelo Comitê Central do P. C. Francês



MAURICE THOREZ

Secretário-Geral do Partido Comunista Francês.

Aprovando a declaração do Birô Político do Comitê Central do P. C. F., o Pleno do Comitê Central do P. C. F., reunido em Paris a 23 de junho, expediu um comunicado em que declara:

«O Comitê Central ressalta que a declaração do Birô Político — reafirmando oportunamente sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo, pondo em relevo o destacado papel do povo soviético, pioneiro do socialismo, e declarando sua estreita solidariedade com o Partido Comunista da União Soviética — despertou profunda impressão e um apoio geral nas bases do Partido e da classe operária, ao mesmo tempo que a burguesia revelou seu despeito, sua cólera e sua confusão.

TEXTO INTEGRAL DA DECLARAÇÃO
E' a seguinte a declaração do Birô Político a que se refere o comunicado do Comitê Central do Partido Comunista Francês.

SEM GUERRA CIVIL, POR MEIOS PACÍFICOS

É POSSÍVEL SUBSTITUIR O FRANQUISMO E O SALAZARISMO POR UM REGIME DEMOCRÁTICO

Declaração Conjunta do Partido Comunista de Espanha e Partido Comunista Português

O PARTIDO Comunista de Espanha e o Partido Comunista Português tornaram pública uma Declaração Conjunta, na qual se propõem "reforçar os laços que unem os dois povos irmãos na luta pela causa comum da paz, independência nacional e da democracia".

"Para nós — diz o documento — a questão fundamental, hoje, é impedir que a península ibérica seja teatro das intrigas estrangeiras, dos planos de dominação e de guerra do imperialismo norte-americano e de seus agentes Franco e Salazar, e conseguir que Espanha e Portugal tornem-se dois Estados independentes e democráticos".

A Declaração Conjunta denuncia a transformação de Portugal e Espanha em bases militares dos imperialistas dos Estados Unidos que, simultaneamente, do minam os ramos fundamentais da economia dos dois países, exploram brutalmente seus povos e sustentam os regimes fascistas de Franco e Salazar, os quais recorrem ao terror mais sangüinário e aos mais hediondos processos de tortura contra os democratas, com o fim de manter por mais tempo a máquina de rapina e de guerra dos imperialistas ianques na península ibérica.

"Ao denunciar estes perigos — diz a Declaração — os Partidos Comunistas de Espanha e Portugal proclamam sua vontade de lutar, junto com todas as forças democráticas e patrióticas de

ambos os países, para pôr fim à ditadura fascista e à sua política de abandono e alienação da soberania nacional. Manifestam sua vontade de não cessar a ação até conseguir que os pactos militares que agrilhoam nossos países à política de guerra ianque sejam anulados, até que os Estados peninsulares reconquistem sua independência e sua liberdade. Nós, os comunistas portugueses e espanhóis, somos sinceros partidários do estreitamento dos laços de amizade que unem a nossos povos irmãos".

A Declaração denuncia, com vigor, a ofensiva terrorista de Franco e Salazar contra os democratas e o movimento operário, cujos melhores representantes encontram-se ferozmente perseguidos ou encarcerados em prisões infectas, quando não ameaçados de fuzilamento. "A luta por arrancar a todos estes homens — tanto em Espanha como em Portugal — das garras dos opressores fascistas, a luta por uma anistia ampla, deve unir a todos os homens honestos, a todos os patriotas, sem distinção, de ambos os países".

"O fascismo é um regime de guerra civil — prossegue — O fascismo não pode manter-se no poder sem um inevitável acompanhamento terrorista de policiais torturadores, de verdugos, de calabouços e presídios. Nossos povos desejam sair desse estado de guerra civil, aspiram uma vida civilizada em uma sociedade democrática, na qual os homens possam defender suas idéias e interesses, por opositos que sejam, dentro do respeito à vida humana, à liberdade. Uma sociedade em que as contendas políticas se resolvam civilmente, dentro do marco da legalidade democrática".

"Os Partidos Comunistas de Espanha e Portugal — afirma a Declaração Conjunta — consideram que na atualidade é possível a substituição do regime fascista por um regime democrático, em ambos os países, sem necessidade de guerra civil, por meios pacíficos, se para tanto se unem as mais amplas forças político-sociais, de esquerda e direita".

A Declaração conclui com um apelo à união de todos quantos aspiram a paz, a in-



DOLORES IBARRURI

dependência nacional e a democracia para a luta comum: "Por cima das camarilhas governantes queremos o reforço das relações amistosas entre os dois povos irmãos! Viva a amizade dos povos de Espanha e Portugal! Viva a solidariedade de classe dos trabalhadores de ambos os países! Por uma Espanha e um Portugal pacíficos, democráticos e independentes!"

A imprensa burguesa publica um informe atribuído ao camarada Kruschlov. Esse informe, que acrescenta aos erros já conhecidos de Stálin, a enumeração de faltas muito graves cometidas por ele, suscita uma legítima emoção entre os membros do Partido Comunista Francês.

Os comunistas franceses, como os comunistas de todos os países, condenam os atos de arbítrio, contrários aos princípios do marxismo-leninismo, que são censurados em Stálin.

Os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética tiveram o mérito de empreender a correção de erros e faltas ligados ao culto à personalidade, o que ressalta a força e a unidade do grande Partido de Lênin, a confiança de que goza entre os povos soviéticos, bem como sua autoridade no movimento operário internacional.

O Bureau Político lamenta, entretanto, que em virtude das condições em que o informe do camarada Kruschlov foi apresentado e divulgado a imprensa burguesa tenha podido publicar fatos que os comunistas franceses ignoravam. Um tal estado de coisas não é favorável à discussão normal destes problemas no Partido. Facilita, pelo contrário, as especulações e as manobras dos inimigos do comunismo.

As explicações dadas até agora sobre os erros de Stálin, sua origem, as condições em que eles se produziram, não são satisfatórias. É indispensável uma análise marxista aprofundada para determinar o conjunto das circunstâncias em que o poder pessoal de Stálin pôde exercer-se.

Era errôneo, quando Stálin estava vivo, dirigir-lhe elogios laudatórios e atribuir-lhe o mérito exclusivo por todos os êxitos alcançados na União Soviética em virtude de uma linha geral justa, a serviço da construção do socialismo. Esta atitude contribuía para desenvolver o culto à personalidade e para influenciar num mau sentido o movimento operário internacional. Hoje, não é justo atribuir somente a Stálin tudo o que houve de negativo na atividade do Partido Comunista da União Soviética.

Stálin desempenhou um papel positivo durante todo um período histórico. Com os outros dirigentes do Partido, ele tomou parte ativa na Revolução Socialista de Outubro e, depois, na luta vitoriosa contra a intervenção estrangeira e a contra-revolução. Depois da morte de Lênin, ele combateu os adversários do marxismo-leninismo e lutou pela aplicação do plano leninista de edificação do socialismo. Contribuiu em grande medida para a formação de todos os Partidos Comunistas.

Stálin conquistou um prestígio merecido que deixou transformar-se em culto à sua pessoa. O desenvolvimento desse culto foi facilitado pela situação da União Soviética, exposta, sozinho, durante muito tempo, aos ataques de um mundo de inimigos, o que exigia uma tensão extrema das forças do povo, uma disciplina de ferro e a centralização rigorosa do poder do Estado proletário. Estas circunstâncias ajudam a compreender as dificuldades enormes às quais a União Soviética teve que fazer face, sem justificar, entretanto, os procedimentos de Stálin. Ele entregou-se a numerosas violações da legalidade soviética; empunhou-se numa repressão arbitrária contra militantes comunistas; transgrediu os princípios do Partido e, utilizando métodos condenáveis, causou graves prejuízos à União Soviética e ao movimento comunista internacional.

O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, no curso do qual os erros de Stálin foram justamente denunciados, foi o Congresso do balanço geral e do balanço político que, tendo terminado a construção do socialismo, lançou-se no caminho da sociedade comunista. Foi o Congresso das grandes vitórias dos países do campo socialista. Acentuou a possibilidade de evitar as guerras em nossa época e de marchar por caminhos novos para o socialismo. Iluminou as perspectivas da marcha para a unidade da classe operária.

A fim de que, na preparação do XIV Congresso do Partido Comunista Francês, todos os militantes possam discutir proveitosamente problemas levantados pelo informe do camarada Kruschlov, o Bureau Político pediu ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética o texto desse informe, do qual os membros de certos Partidos Comunistas e Operários tiveram conhecimento.

Fiel aos princípios do marxismo-leninismo, consciente do papel eminente do povo soviético, pioneiro do socialismo, e estreitamente solidário com o Partido Comunista da União Soviética, o Partido Comunista Francês saberá enviar todos os esforços para fazer da unidade de ação da classe operária uma realidade viva, antes de avançar para uma nova Frente Popular, para uma França socialista.

18 de junho de 1956.
O Bureau Político do Partido Comunista Francês

Fiel aos princípios do marxismo-leninismo, consciente do papel eminente do povo soviético, pioneiro do socialismo, e estreitamente solidário com o Partido Comunista da União Soviética, o Partido Comunista Francês saberá enviar todos os esforços para fazer da unidade de ação da classe operária uma realidade viva, antes de avançar para uma nova Frente Popular, para uma França socialista.

18 de junho de 1956.
O Bureau Político do Partido Comunista Francês

VIDA DOS PARTIDOS COMUNISTAS

RESULTADOS DA VIAGEM DE TOGLIATTI À IUGOSLÁVIA

A imprensa romana publicou um comunicado da direção do Partido Comunista Italiano sobre os resultados da viagem de Palmiro Togliatti à Iugoslávia:

«A direção do Partido tomou conhecimento do comunicado do camarada Togliatti sobre sua entrevista com o camarada Tito e outros dirigentes iugoslavos, objetivando restabelecer os contactos, a compreensão mútua e a colaboração entre o Partido Comunista Italiano e a União dos Comunistas Iugoslavos. No decurso da viagem foram obtidos por completo os objetivos colimados. A direção do Partido Comunista Italiano agradece aos camaradas iugoslavos pela calorosa acolhida dispensada ao camarada Togliatti e aprova sua atividade, saudando-a como efetivo e importante fator de novas relações que se estabelecem com os comunistas iugoslavos no interesse da amizade entre os povos e em nome de um mais amplo desenvolvimento do movimento operário e socialista internacionais.»



P. TOGLIATTI

PLENO DO C.C. DO P.C. DA FINLÂNDIA

No dia 2 de junho iniciou-se em Helsinque um Pleno do Comitê Central do Partido Comunista da Finlândia. O Presidente do Partido, Aimo Aaltonen, pronunciou um informe na reunião.

III Congresso do Partido Albanês do Trabalho

Em Tirana, capital da Albânia, realizou-se o III Congresso do Partido Albanês do Trabalho. No Congresso esteve representado grande número de Partidos Comunistas e Operários, entre os quais os Partidos Comunistas da União Soviética e da China Popular. O Partido Comunista do Brasil enviou calorosa mensagem assinada por Luiz Carlos Prestes, seu Secretário-Geral.

O chefe da delegação soviética, P.N. Pospelov, Secretário do Comitê Central do P.C.U.S., pronunciou um discurso e leu a saudação do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

Na sessão de encerramento dos trabalhos foi aprovado um telegrama ao Comitê Central do P.C.U.S. e o Secretário do Partido Albanês do Trabalho, Enver Hodja, agradeceu a presença dos representantes do P.C.U.S., do Partido Comunista da China e dos demais Partidos Co-

munistas e operários, assim como as mensagens recebidas dos Partidos irmãos.

Falando sobre os resultados do Congresso, Enver Hodja declarou que este constituiu uma grande escola para o Partido. «Armou-nos com novos conhecimentos e inspira nossa luta por novos êxitos na construção do socialismo. O Congresso demonstrou a inabalável unidade das fileiras do Partido em torno do Comitê Central».

Neste Congresso — disse ainda Hodja — falamos não somente dos êxitos mas frequentemente criticamos nossos erros e defeitos com o objetivo de os mais rapidamente corrigi-los. Enver Hodja assinalou que as históricas resoluções do XX Congresso do P.C.U.S. inspiraram o III Congresso do Partido do Trabalho da Albânia. Nosso Partido — concluiu — sempre extrairá forças e conhecimentos do riquíssimo tesouro de experiências do Partido Comunista da União Soviética.



Alvaro Cunhal

MOBILIZAR A MULHER PARA A LUTA POR SEUS DIREITOS

"É despertando as grandes massas femininas para a luta por seus direitos e reivindicações mais elementares que mobilizaremos a mulher para a luta pela própria emancipação e que a ganharemos para a luta da classe operária e do povo brasileiro pela paz e pela independência nacional, pelas liberdades e pelo progresso social. É descendo ao nível político ainda atrasadíssimo em que se encontram as grandes massas femininas de nosso povo que conseguiremos trazer a mulher para a luta política e ganhá-la para a ideologia do proletariado, arrancá-la da influência burguesa e reacionária. É através da luta por seus direitos e reivindicações que convenceremos a mulher de que sua emancipação só será possível com a vitória do socialismo, que o feminismo burguês jamais a libertará da escravidão e da desigualdade. É através da ação prática que convenceremos a mulher da íntima e indispensável conexão de sua luta pela própria emancipação com a luta da classe operária pela emancipação social, com a luta de nosso povo pela independência e pelo progresso do Brasil. A mulher está assim duplamente interessada, como mulher e cidadã, na luta pela independência nacional do jugo imperialista, deve e pode ser ganha para o lado da classe operária e constituirá força de enorme significado e importância na ampla frente democrática de libertação nacional".

(Do informe de Prestes, «Despertar para a luta e organizar as grandes massas femininas»)

O «APÊLO À COOPERAÇÃO ESTRANGEIRA» E A REALIDADE NACIONAL

GARCIA DE CASTRO

As medidas práticas do atual governo, a partir do aumento das tarifas postal-telegráficas, dos fretes marítimos, da repressão policial aos estudantes e que culminaram com o fechamento da LEN e da USPRJ, apenas indicavam o caminho que ele pretendia seguir.

No discurso de Ribeirão Preto, pela primeira vez, desde de uma campanha eleitoral, Juscelino desvendou, publicamente, os rumos da política de seu governo.

A defesa do domínio norte-americano sobre setores que ainda não caíram na posse dos trustes (como o petróleo, por exemplo), não pode, hoje, ser feita abertamente. Daí, o entreguismo oficial utilizar uma tática diversionista que possibilite iludir o povo. Assis Chateaubriand diz claramente que devemos entregar o petróleo à Standard Oil. Mas o presidente da República, para dizer isso mesmo, é obrigado a empregar uma formulação diferente.

Assim, o progresso de Ribeirão Preto, tolhido, entravado pela ação conjugada do imperialismo norte-americano e do latifúndio, é citado como exemplo positivo e serve de preâmbulo ao apelo à «cooperação estrangeira».

Kubitschek diz que «estamos necessitados de capitais, de técnica, de experiência, vindos de fora». Nos dias atuais, de predomínio franco e aberto do imperialismo norte-americano sobre a economia e a política do Brasil, qualquer brasileiro entenderá que essa «cooperação» significa subordinação.

Será pela falta de capital estrangeiro que nosso país, ainda hoje, no ano de 1956, permanece com uma economia semi-colonial e semi-feudal?

Vejam os que poderá responder o sr. Humberto Bastos, do Conselho Nacional de Economia. No «Forum Econômico» realizado em Belo Horizonte, em março último, o sr. Bastos nos diz que «o capital estrangeiro nunca faz o que o país subdesenvolvido deseja. Faz, isto sim, o que ele quer e o que lhe convém.» E nos informa sobre a seguinte posição do capital estrangeiro no Brasil:

Energia Elétrica	90%
Produtos Siderúrgicos	40%
Comércio de Café	60%
Comércio de Algodão	70%
Viação Internacional	80%
Distribuição de Petróleo	100%
Farinha de Trigo	80%

Produção de Carne ... 65%
Pneus e Câmaras de Ar 75%
(«Correio da Manhã», 1-5-56)

Será que o nosso progresso está mesmo dependendo da «cooperação» do capital norte-americano?

Os sr. Kubitschek afirmou que «a grande força nacionalizadora é a terra, é o milagre da absorção do homem, do enraizamento do homem na terra».

Os bispos reunidos em Campina Grande informam que mais de 3 milhões de camponeses ativos, no Nordeste, trabalham em terra alheia, apesar da existência de 500 mil hectares de terras improdutivas nos vales e serras úmidas e de 200 mil hectares de área irrigável, somente junto aos grandes açudes.

No Estado de São Paulo, diminuem as lavouras permanentes e temporárias e ampliam-se as pastagens. Estas, em 1940, representavam 34% da área total e passaram a 45,3%, em 1950. E não é por acaso que o incremento da população e da produção

Revoltante Barganha Propõe Juscelino a Wall Street

O discurso do Sr. Juscelino Kubitschek em Ribeirão Preto, fazendo profissão de fé entreguista e caluniando os patriotas que defendem a soberania nacional — está agora perfeitamente esclarecido — prende-se a uma revoltante barganha que o atual presidente da República tenta realizar junto aos trustes norte-americanos.

O Sr. Kubitschek pretende um empréstimo de 800 milhões de dólares, nos Estados Unidos. Para negociá-lo, já foi enviado aquele país uma comissão governamental. E o Sr. Ernani do Amaral Peixoto, recente-

NOSSO PETRÓLEO E MINERAIS ATÔMICOS EM TROCA DE 800 MILHÕES DE DÓLARES — AS INCONFESSÁVEIS RAZÕES DO DISCURSO DE RIBEIRÃO PRETO E DAS VIOLÊNCIAS CONTRA A LIGA DA EMANCIPAÇÃO NACIONAL

mente nomeado, embaixador nos EE. UU., foi investido da missão oficial de terminar os entendimentos junto à plutocracia norte-americana.

PETRÓLEO E MINERAIS ATÔMICOS

As negociações em torno do empréstimo de 800 milhões de dólares foram confirmadas pelo redator econômico da Associated Press, em despacho publicado por «La Prensa» de Buenos Aires e o «Correio do Povo», de Porto Alegre. Novo detalhe acrescenta-se por último: as negociações são levadas a efeito junto «Export and Import Bank».

Que exigem os norte-americanos em troca do empréstimo?

Além das garantias de pagamentos comuns e dos juros, concessões econômicas aos trustes ianques, notadamente no que se refere ao petróleo e aos minerais atômicos. Não por acaso a imprensa norte-americana especializada vem anunciando, há cerca de dois meses, «facilidades» que seriam abertas pelo governo brasileiro à participação dos capitais ianques na exploração de nosso petróleo, enquanto jornais ligados ao Catete procuram mostrar que os americanos nos fazem «um favor» quando compram nossos minerais atômicos a preços vis.

Toda a questão — assinala a imprensa dos EE. UU. — está nos meios a que possa recorrer o governo para «neutralizar» o sentimento do povo em defesa da Petrobrás. Para tanto, uma revista de Nova York chega-

nal que se desenvolve em grime os argumentos mais sórdidos, para «convencer» que, sem os trustes, não podemos dar um passo à frente no sentido de nosso desenvolvimento econômico.

Com exceção da «Petrobrás», que é lei recente, e do «Código de Minas», que é de depois de 30, não há no Brasil qualquer entrave ou discriminação contra os capitais estrangeiros. E o que vemos? Apenas isto: de 1939 a 1955 os trustes enviaram para o exterior, confessadamente, sob a forma de lucros e dividendos, um total de 26 bilhões e 76 milhões de cruzeiros, enquanto os saldos de nossas exportações não alcançaram 10 bilhões.

Em lugar de propiciar uma capitalização, que permita o rápido desenvolvimento independente da economia nacional, os trustes, além de sabotarem esse desenvolvimento, provocam uma de capitalização — isto é, transferem, para suas matrizes, sob a forma de lucros, grandes capitais formados no Brasil, a custa do trabalho de nosso povo. Por isso é que o povo repete indignadamente a guinada entreguista de Kubitschek e unido defenderá nossos recursos naturais, a soberania nacional e as liberdades democráticas.

O ESQUEMA IANQUE

Evidentemente, o Sr. Kubitschek está procurando por em execução o esquema ianque: antes de lançar, oficialmente, uma despuerada campanha contra o que chama de «jacobinismo estreito», o Sr. Kubitschek tomou a iniciativa de determinar a suspensão das atividades da Liga de Emancipação Nacional, que tem desempenhando importante papel de coordenação das lutas de nosso povo contra o saque imperialista.

E agora, a campanha de despistamento da opinião pública para a liquidação da «Petrobrás» e a entrega dos minérios atômicos aos trustes está formada, com um centro diretor único.

QUE TEM FEITO OS TRUTES NO BRASIL?

Esta campanha antinacio-

RUMOS DO CLUBE MILITAR:

Liberdades Democráticas e Orientação Nacionalista.

POSSE DA DIRETORIA PRESIDIDA PELO GENERAL SEGADAS VIANA

Empossou-se terça-feira última a nova diretoria do Clube Militar, presidida pelo general Segadas Viana, que na ocasião pronunciou discurso de grande repercussão política.

A diretoria empossada sagrou-se vitoriosa em movimento pleito no qual foi batida a chamada «Cruzada Democrática» dirigida por Juarez Távora e outros articuladores do golpe de 24 de agosto.

Em seu discurso, o comandante da Vila Militar afirmou: «Não há progresso material que compense a perda de qualquer das liberdades democráticas... Já em certa vez disso mesmo, e agora repetimos, que se as ditaduras fossem solução, a América Latina deveria ser a parte mais adiantada do mundo».

Assinalando que um dos pontos do programa da diretoria que preside é a «orientação nacionalista que pretendemos imprimir às nossas atividades», o general Segadas Viana declara que esta orientação «deve ser defendida por todos aqueles que acreditam nas possibilidades de nosso povo para explorar as riquezas indispensáveis ao progresso do Brasil».

«Não podemos viver isolados — prosseguiu — porque o homem faz parte da humanidade e a humanidade é uma só, mas, por outro lado, estamos na obrigação de conservar e explorar tudo aquilo que é indispensável à nossa vida de nação soberana».

«Assim como justificamos a exportação do minério de ferro, cujos depósitos vão muito além das nossas necessidades, por outro lado devemos preservar carinhosamente as riquezas minerais cujo volume conhecido ainda é uma incógnita em relação às nossas necessidades presentes».

A BATALHA DA DIFUSÃO

UMA REPORTAGEM FEITA

POR TRABALHADORES DA C.M.T.C.

O jornal VOZ OPERÁRIA, que circula uma vez por semana em todo o Brasil, está publicando, em sua edição do dia 19, uma importante reportagem sobre a greve do dia 11. Essa reportagem foi preparada pelos correspondentes de VOZ OPERÁRIA dentro da C.M.T.C., que também participou da greve. É uma reportagem que surgiu do selo dos trabalhadores, para ser publicada num jornal dos trabalhadores. São ensinamentos que em muito ajudarão o pessoal da C.M.T.C. a reforçar a organização e a unidade em suas fileiras, para o prosseguimento da luta por suas reivindicações.

Procurem nas bancas ou junto aos agentes de VOZ OPERÁRIA, um exemplar dessa edição.

Ajudem VOZ OPERÁRIA a refletir cada vez mais as experiências de luta dos trabalhadores. Envie a VOZ OPERÁRIA suas opiniões, suas críticas, assim como notícias dos seus locais de trabalho.

REPRODUZIMOS acima o volante distribuído, entre os operários da C.M.T.C. de São Paulo, por nossa Sucursal na capital paulista. Como se lê no «fac-símile», trata-se de uma boa experiência de difusão do jornal, que obteve pleno êxito.

VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável

AYDANO DO COUTO FERRAZ

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344
Eudérgo telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZ PÉRIA

REFORÇAR A LUTA PELO AUMENTO IMEDIATO E EM BASES JUSTAS DO SALÁRIO-MÍNIMO

RECLAMAM OPERÁRIOS DA LIGHT TRÔCO E ATRASADOS

A FALTA DE MOEDAS DE CR\$ 0,50 PARA TRÔCO E CAUSA DE ABORRECIMENTOS E PREJUÍZOS PARA OS CONDUTORES — EXIGEM O PAGAMENTO DOS ATRASADOS DO ÚLTIMO AUMENTO DE SALÁRIO

ESTA sendo causa de geral descontentamento, entre os trabalhadores da Light, (seção de tráfego) do Rio, a falta de moedas de Cr\$ 0,50 para trôco, nos bondes. Com o preço da passagem a Cr\$ 1,50 a grande maioria dos passageiros nunca paga ao condutor a quantia exata. Isso faz com que o condutor necessite, por dia, de uma grande quantidade de moedas de Cr\$ 0,50 sem o que não poderá atender às necessidades de dar trôco a centenas e centenas de passageiros. A Light, porém, não leva em conta essa necessidade e, em geral, fornece aos condutores apenas Cr\$ 25,00 pela manhã e Cr\$ 10,00 (muitas vezes apenas Cr\$ 5,00) à tarde em moedas de Cr\$ 0,50. Que pode fazer um condutor com 50 moedas para dar trôco a um número várias vezes maior de passageiros? É impossível atender a todos, o que provoca descontentamento e, às vezes, choques com alguns passageiros. Mas a Light não resolve a questão, limitando-se a dar um trôco insuficiente e a mandar anunciar, como recentemente o fez por intermédio de uma emissora, que dá Cr\$ 100,00 para trôco.

Esta situação não somente causa aborrecimentos aos condutores, como lhes dá prejuízo financeiro. Eles são obrigados a trocar dinheiro com particulares, pagando uma "comissão" de 15 e até 20%. Os condutores exigem que a Light lhes forneça trôco suficiente. Essa é uma reivindicação de todos.

QUEREM RECEBER OS ATRASADOS

Outra reivindicação profundamente sentida pelos operários da Light é o recebimento dos atrasados do último aumento de salário conquistado. A Light começou a pagar o aumento a partir de janeiro (5 de janeiro — 5 de fevereiro) mas, com a baixa, conquistada pelos estudantes e o povo, do preço da passagem de bonde, suspendeu o pagamento. Dêsse modo os trabalhadores deixaram de receber os meses de fevereiro e março.

Os operários estão reclamando a intervenção do Sindicato para solucionar a questão, obrigando a empresa imperialista a pagar os atrasados.

Os trabalhadores da Light têm uma grande experiência dos métodos da Light e sabem que esta somente cede às reivindicações dos operários se estes lutarem até a vitória. Será lutando, pois, que conseguirão não somente o recebimento dos atrasados, como pôr um fim à situação intolerável e aos prejuízos causados com a falta de moedas de cinquenta centavos para trôco.

— «Acho difícil que os empregadores se conformem com os níveis fixados pelas Comissões de Salário-Mínimo» — declarou, aos jornais, o sr. Parsifal Barroso, ministro do Trabalho, acrescentando que, «tradicionalmente», o presidente da República decide, no caso, de acordo com os cálculos do SEPT. Estas declarações do sr. Parsifal Barroso, que insinua a posição do sr. Kubitschek face à elevação do salário-mínimo, revelam a ameaça que pesa sobre os trabalhadores, de nível abaixo das exigências do custo da vida.

Para cumprir a promessa da campanha eleitoral —

que lhe valeu milhares de votos de operários e empregados — o sr. Kubitschek já devia ter elevado o salário-mínimo, em bases justas, Preferiu, porém, ceder aos patrões, e o aumento vem sendo protelado. O Ministério do Trabalho recorreu aos mais diversos processos de protelação, inclusive na constituição das CSM, cabendo, por fim, ao SEPT, fazer cálculos sobre o custo da vida que são, em muitos casos, verdadeira chicana. Agora o governo prepara-se para impor os níveis calculados pelo SEPT, em geral aceitos pelos patrões, mas repudiados pelos trabalhadores.

PATRÕES & GOVERNO

No Distrito Federal foi fixado o mínimo de Cr\$... 4.000,00 — aceito pelos trabalhadores, embora estes reclamassem Cr\$ 4.800,00. Mas nem Cr\$ 4.000,00 aceitam os patrões que, «baseados» numa série de «argumentos» capciosos ou inteiramente falsos, pretendem levar a questão ao judiciário. O sr.

Parsifal Barroso já insinuou que é simpático à manobra que, se for consumada, não somente ameaça o nível de Cr\$ 4.000,00 já aprovado pela CSM, como trará em si novas possibilidades de protelação do aumento.

Em São Paulo os patrões conseguiram fazer valer os cálculos do SEPT, sendo fixado o nível de Cr\$ 3.490,00 para a capital. Os trabalhadores não aceitam esse mínimo, que está muito abaixo da exigência do custo da vida (pediram, inicialmente, Cr\$ 4.608,00). Reclamam, agora, Cr\$ 4.000,00 — tal como no Rio, e articulam a luta unida aos operários e empregados cariocas, pela aprovação final dos Cr\$... 4.000,00. O mesmo reclamam os trabalhadores de Niterói, Petrópolis e outros municípios fluminenses próximos à Capital Federal, onde o custo da vida é praticamente idêntico.

Também em outros Estados os patrões conseguiram fazer aprovar os cálculos do SEPT, aquém do custo da vida, o que vem despertando

enérgicos protestos. No Rio Grande do Norte, por exemplo, o nível mínimo aprovado pela CSM é de Cr\$ 1.200,00 — o que mereceu veemente protesto do governador do Estado, sr. Dinarte Mariz, em telegrama ao ministro do Trabalho. O governador de São Paulo, sr. Porfírio da Paz, protestou, igualmente, contra o insuficiente nível fixado pela CSM paulista. No Rio Grande do Sul, os trabalhadores, em Convenção Intersindical, resolveram decretar a greve geral se o aumento do salário-mínimo não for decretado até 5 de julho, e em bases justas.

UNIDADE E FIRMEZA

Torna-se urgente, pois, que os trabalhadores de todo o Brasil, unidos em seus sindicatos, se lancem a luta para obter o aumento, em bases justas, do salário-mínimo e para impedir que o governo, cedendo aos patrões, continue protelando-o, enquanto o custo da vida sobe sem cessar.



DECISIVO PARA A CONQUISTA DE VITÓRIAS O CONSELHO SINDICAL DA METALGRÁFICA

A história das lutas e vitórias dos operários da Metalgráfica é a própria história de seu Conselho Sindical, criado em 1950 e, desde então, o órgão dirigente dos movimentos reivindicatórios naquela importante empresa carioca. Não foi fácil, entretanto, a criação do Conselho e seu posterior fortalecimento, pois várias dificuldades se apresentaram aos organizadores: as tentativas de sabotagem da empresa, a falta de confiança de muitos operários, a fraqueza do movimento sindical, etc. Explicando, persuadindo e conversando com os demais trabalhadores, os pioneiros da idéia lograram, no entanto, a realização de uma grande assembléia do pessoal no restaurante da empresa, da qual surgiu o Conselho Sindical.

LUTAS PELAS REIVINDICAÇÕES

A luta pelas reivindicações dos trabalhadores da empresa, desde o protesto pela injustiça cometida contra um dês até às lutas por aumentos de salários e pelos direitos dos operários brasileiros, foi a condição principal para o sucessivo fortalecimento do Conselho Sindical. Lutando, por exemplo, contra a arbitrária limitação de tempo (10 minutos) para permanência no sanitário, o Conselho uniu os operários e

Criado em 1950, o Conselho é hoje o dirigente reconhecido dos trabalhadores da empresa - Exemplo que deve ser seguido

conquistou uma vitória. O mesmo aconteceu quando do movimento contra um aparelho elétrico colocado pela empresa na porta de saída, supostamente para acusar roubos, mas na verdade para humilhar os operários que os patrões desejavam perseguir. Descobrimo que o aparelho tinha um dispositivo secreto que os chefes ligavam quando queriam acusar alguém, os trabalhadores exigiram sua retirada, vitoriosamente.

Adotando sempre uma posição de vigilante defesa dos interesses dos trabalhadores — ao mesmo tempo que os consultava sempre e com eles mantinha permanente contato nas «assembléias» no restaurante — o Conselho impôs-se ao respeito e admiração dos operários e passou a ser oficialmente reconhecido pela empresa.

FUNCIONAMENTO PERMANENTE.

....Após algum tempo de funcionamento, os dirigentes do Conselho Sindical que são periodicamente eleitos pelos operários em assembléias gerais, chegaram à conclusão de que era necessário dar mais vivacidade ao organismo. Passaram a reunir-se, então, duas, três e até cinco vezes por semana, no refeitório da fábrica. As reuniões eram assistidas por dezenas e, às vezes, por centenas de trabalhadores, que intervinham nos debates, faziam propostas, etc.

Destacada participação teve o Conselho nos trabalhos preparatórios das conferências municipal e nacional dos metalúrgicos. Colando convites, chamamentos e reportagem retiradas dos jornais sobre aquelas reivindicações no refeitório e nos banheiros da fábrica, o Conselho despertava a atenção dos trabalhadores para as assembléias que depois se realizaram, onde as reivindicações foram debatidas e levadas — através dos delegados então eleitos — às conferências. Em relação à Conferência Nacional das Trabalhadoras, o procedimento foi idêntico. Quando regressaram dos conclave, os delegados prestaram contas, perante todos, do decorrer dos trabalhos, das resoluções, de sua atuação.

Metalúrgicos Conquistaram 30%

OS METALÚRGICOS do Distrito Federal conquistaram expressiva vitória na luta em que se empenhavam, pelo aumento de salários, com a assinatura de um acordo pelo qual os patrões concordaram com um aumento de 30%, já em vigor. A vitória dessa reivindicação foi comunicada aos trabalhadores em grande assembléia do Sindicato (dia 25) na qual os oradores assinalaram, como causas da vitória, a unidade e a combatividade dos operários na luta pelo aumento.

Os metalúrgicos vinham lutando pela elevação dos seus salários há algum tempo, encontrando, porém, firme resistência dos empregadores. Mostraram-se, no entanto, dispostos a lutar até à vitória. Ante a intransigência patronal resolveram dar aos empregadores um prazo, após o qual, se estes não cedessem, decretariam a greve. Esta decisão foi comunicada ao presidente da República. E foi ante esta decisão que os patrões se viram obrigados a recuar, concordando com o aumento de 30%, proposta conciliatória do D.N.T.

A assembléia em que os metalúrgicos comemoraram a vitória compareceram representantes fraternais do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda e de sindicatos de outras categorias profissionais.



GREVES DE COLONOS E LAVRADORES

OS PLANTADORES DE CANA DE PIRACICABA CONQUISTARAM AUMENTO DO PREÇO DA TONELADA - COLONOS DE CAFÉ CONQUISTARAM AUMENTO DO PREÇO DA COLHEITA

COM A CONQUISTA de Cr\$ 60,00 de aumento na tonelada, cessaram a greve os plantadores de cana do município de Piracicaba (São Paulo). A Associação dos Plantadores de Cana divulgou uma proclamação, apelando para que, cessado o movimento, os fornecedores entreguem imediatamente ca-

na às usinas, a fim de evitar a falta de açúcar. Os fornecedores de cana, dirigidos pela Associação que os congrega, entraram em greve, exigindo que as usinas aumentassem o preço da tonelada de Cr\$ 250,00 para Cr\$ 350,00. Depois de alguns dias de greve, no curso dos quais deram pro-

vas de unidade e firmeza, conquistaram o aumento para Cr\$ 310,00.

GREVES DE COLONOS DE CAFÉ

Entraram em greve, há alguns dias, os colonos de café da Colônia número 1 da Fazenda Jacatinga, município de Pompéia e da Fazenda Santa Anastácia, município de Marília, também em São Paulo.

Os colonos da Fazenda Jacatinga foram à greve exigindo a retirada da Colônia número 1, de um fiscal atabalhoado, que perseguia os trabalhadores.

Na Fazenda Santa Anastácia a reivindicação que determinou o movimento grevista foi o aumento nos preços da colheita de café, no pano e no chão. Os colonos ganhavam Cr\$ 25,00 por saca de 110 litros de café colhido no pano, e Cr\$ 10,00 colhido no chão.

Para coordenar e dirigir a luta, os colonos organizaram uma comissão e fizeram um abaixo-assinado, dirigido ao fazendeiro, no qual exigiam o aumento do preço da colheita. No primeiro dia da greve o empregador chamou a polícia, que percorreu a fazenda, fazendo ameaças e prendendo quatro colonos, membros da comissão. Os colonos, porém, cercaram a «perua» e obrigaram o comandante dos policiais a libertar os presos. Ante a disposição de luta dos grevistas, o empregador entrou em entendimentos com



eles, oferecendo uma contraproposta de aumento de Cr\$ 10,00 por saca do café colhido no pano, o que foi aceito pelos colonos, cessando a greve com a vitória dos trabalhadores. O movimento pela elevação dos preços da colheita do café, principalmente no pano, vem obtendo grande repercussão nas fazendas da região de Marília. Atendendo a um apelo de 400 colonos, foi apresentado um projeto à Câmara Municipal de Marília instituindo uma balança municipal de verificação de pesos.

A AJUDA DOS SINDICATOS OPERÁRIOS AOS SINDICATOS RURAIS

OS ESFORÇOS dos sindicatos rurais por seu reconhecimento têm obtido êxito, do que é exemplo o despacho do ministro do Trabalho ao pedido de registro do Sindicato dos Assalariados Agrícolas de Belmonte, por fim atendido. Estes êxitos estimulam as organizações ainda não reconhecidas a que se empenhem na luta pelo reconhecimento, indispensável à sua completa legalização.

Muitas vezes não é fácil, a um sindicato do campo, preparar e acompanhar, até o desfêcho, o processo de reconhecimento, que envolve inúmeras providências, inclusive de ordem burocrática, e não raro reclama a presença dos interessados junto à repartição ministerial competente. Por isso, é valiosa a ajuda dos sindicatos operários das cidades, para a concretização do registro dos sindicatos rurais. Os sindicatos operários já demonstraram, em várias oportunidades, solicitude pelos interesses e reivindicações de seus irmãos do campo, não medindo esforços para ajudá-los a organizar-se e a lutar. Muitas organizações de assalariados agrícolas e de camponeses surgiram com a ajuda fraternal dos trabalhadores das cidades e de suas organizações. Estes não se negarão a continuar prestando essa ajuda.

Para os sindicatos operários não é difícil providenciar o andamento e acompanhar os processos de reconhecimento dos sindicatos rurais. Não somente eles se encontram nas cidades, próximos às repartições ministeriais (particularmente na Capital da República) como possuem uma vasta experiência no trato de assuntos junto ao Ministério do Trabalho e no manéjo da legislação trabalhista.

Um apelo de um sindicato rural a um sindicato operário, no sentido de que este lhe preste ajuda nessa questão será, de certo, atendido, tanto mais agora, quando, na luta pelo aumento do salário-mínimo e por sua aplicação no campo, estreitam-se as relações entre os trabalhadores da cidade e do campo, reforça-se a amizade e a aliança entre os que trabalham nas fábricas e os que mourejam na terra, e que, unidos, serão invencíveis.

Conferência Dos Produtores Agrícolas do Ceará

POR INICIATIVA de numerosas entidades de produtores agrícolas, está sendo preparada, no Ceará, uma conferência de defesa do algodão e demais produtos de exportação. Para a realização do conclave estão em entendimentos a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará (ULTAC), a Federação das Associações Rurais do Estado do Ceará (FAREC), o Centro dos Exportadores, Associação Comercial, União das Classes Produtoras, Federação do Comércio, Associação dos Municípios e outras organizações. O secretário da Agricultura do Estado apolou a idéia de realização da conferência, designando um agrônomo para acompanhar os trabalhos preparatórios. Também deu apoio ao conclave o diretor do Departamento de Expansão Econômica do Ceará.

Projeto de manifesto

Um projeto de manifesto foi elaborado, para servir de base aos entendimentos entre as diversas entidades. Nesse manifesto é denunciada a situação dos produtores agrícolas do Ceará, particularmente dos plantadores de algodão, que se encontram à braços com enormes dificuldades. «As soluções dadas, até agora, ao problema do algodão e dos demais produtos de exportação, tiveram apenas caráter de emergência. Os problemas continuam se agravando, no fundamental. Este ano a safra de algodão é estimada em cerca de 38 milhões de quilos, enquanto a do ano passado foi de 35 milhões. A produção de milho subiu de 62 para 140 milhões de quilos entre 1954 e 1955. Os demais produtos aumentam, também, seus volumes excedentes para exportação. Mas a questão dos transportes não foi resolvida, pelo contrário, tornou-se cada dia mais crucial. E os preços, no mercado internacional, são cada vez mais aviltados. A defesa ativa do nosso algodão e demais gêneros de exportação é, portanto, uma necessidade imperiosa. Não podemos ficar impassíveis ante a ameaça de «dumping» no mercado algodoeiro. Não podemos nos conformar com a liquidação progressiva da Rêde de Viação Cearense. Não podemos, igualmente, nos conformar com os atuais níveis da produção de nosso Estado.»

CONFERÊNCIA DE DEFESA DO ALGODÃO



Em agosto a conferência

A conferência será realizada, provavelmente, no mês de agosto, reunindo os representantes das mais amplas camadas de produtores agrícolas do Estado do Ceará. Em uma reunião a ser realizada, os representantes das várias organizações de lavradores aprovarão o manifesto de convocação do conclave e adotarão medidas para sua preparação.

NOTA — A VOZ programou uma página especial, dedicada à preparação da conferência. Pedimos ao nosso correspondente em Fortaleza que nos envie, com urgência, novas informações sobre a mesma, a fim de completar os dados que temos.

Realizada Com Êxito a Conferência da ULTAP

REALIZOU-SE, com êxito, a II Conferência dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Pará. O conclave, promovido pela ULTAP, teve lugar na capital paraense, na primeira semana do mês corrente, reunindo-se sob a presidência do deputado estadual Geraldo Palmeira, com a presença dos representantes dos lavradores e assalariados rurais de numerosos municípios do Estado.

A Conferência foi uma denúncia vigorosa da miséria e da opressão em que vivem os homens do campo. «Não existe hoje, em pleno século atômico, a indústria infame da compra de braços para os seringais e os que agenciam a compra de nordestinos para o Rio, São Paulo e Paraná?» — perguntou, no discurso de abertura da Conferência, o deputado Geraldo Palmeira, continuando: «Quem de vós não conhece o que significa vender na folha ou no escuro? Quem de vós já não emigrou várias vezes em busca de terras menos cansadas? Quem de vós ainda não sentiu o peso da autoridade policial ou da justiça, intimando-vos a deixar a terra que foi regada com o suor e o sangue dos vossos antepassados?»

IMPORTANTES RESOLUÇÕES

Importantes resoluções foram adotadas pela Conferência, entre as quais destacam-se as seguintes:

- 1 — Intensificar a coleta de assinaturas ao memorial pela reforma agrária.
- 2 — Lutar pela aplicação plena da legislação trabalhista aos trabalhadores do campo, cujos direitos assegurados, legalmente, continuam sendo impudentemente burrados.
- 3 — Examinar, juntamente com as demais entidades rurais, os partidos políticos, autoridades e representantes na Assembléia Legislativa as teses relativas à reforma agrária, aprovados na Conferência, com o fim de adotar medidas tendo em vista a distribuição de terras aos camponeses, o estímulo e a organização da produção e outras.
- 4 — Lutar junto aos poderes públicos por medidas urgentes tendo em vista melhorar os transportes em diversas regiões do Estado, de modo a possibilitar o escoamento da produção. As resoluções especificam as diversas regiões a serem atendidas, em face das necessidades concretas e da situação real dos transportes.
- 5 — Iniciar contatos com a Federação das Associações Rurais, com as Associações e demais organizações rurais fora do âmbito da ULTAP, com o fim de desenvolver o espírito de solidariedade e da defesa dos interesses coletivos dos camponeses e trabalhadores agrícolas do Pará.
- 6 — «Recomendar, através da ULTAP, ao presidente da República e ao Parlamento Nacional, o imediato reatamento das relações do Brasil com todos os países indiscriminadamente, a fim de podermos negociar com quem nos pagar mais e com quem nos vender melhor e mais barato.»
- 7 — Atribuir à diretoria da ULTAP a escolha de uma delegação com o fim de participar da I Conferência Nacional da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, a realizar-se no mês de setembro em São Paulo.

A Conferência, que se realizou na sede do Sindicato dos Estivadores, aprovou moções agradecendo às autoridades a colaboração dada para a realização e o êxito do conclave.

(Do correspondente da VOZ em Belém do Pará)

- NESTE SEMESTRE: O AUMENTO MÉDIO DE 30% NOS PREÇOS!
- DUAS «TESES» DE ESFOMEADORES: OS PREÇOS SOBEM PORQUE OS SALÁRIOS AUMENTAM E OS TRABALHADORES «PRODUZEM POUCO»
- CARESTIA: LUCROS FABULOSOS, MONOPÓLIO IANQUE DE NOSSO COMÉRCIO EXTERIOR, ESPECULAÇÃO E AUMENTO DE IMPOSTOS QUE RECAEM SÓBRE OS OMBROS DO POVO



Comício-relâmpago em São Paulo contra o aumento de ônibus e bondes

UMA CAUSA DE TODO O POVO: DETER A CARESTIA



Em fevereiro — faz cinco meses — comprava-se um quilo de feijão preto por 20 cruzeiros; hoje, compra-se por 23; um quilo de arroz, da melhor qualidade, por 14 cruzeiros; hoje, compra-se por 18 cruzeiros. E nesta disparada vão os preços nos cinco primeiros meses de governo do sr. Kubitschek.

Os comerciantes do Rio de Janeiro afirmam que suas mercadorias encareceram de 30 por cento no presente semestre ("O Globo", 26 do corrente). Repartições oficiais demonstram que, sômente com alimentação, uma pessoa necessita gastar, no Rio, 2.700 cruzeiros mensais ("Última Hora", de 26 do corrente).

Por que os preços sobem como foguete? Por que o ritmo da carestia é sempre mais acelerado? (No quinquênio de 1950-54, aumento médio de 12,6%; no ano passado, já de 22%).

SERÃO OS SALÁRIOS?

Os interessados na especulação e na carestia dizem que isto se dá porque os salários sobem.

De 1947 a 1950 os salários permaneceram quase estacionários; mas a carestia da vida não se deteve: cresceu de ano a ano.

A participação dos trabalhadores na renda nacional não cresceu. Está caindo. Mas a dos capitalistas e latifundiários vem aumentando. Não são os salários, portanto, que empurram os preços.

Os salários representam menos de 20% do valor das mercadorias (dados do IBGE). Se todos os salários duplicassem haveria, apenas, um aumento geral de preços da ordem de 20%. Entretanto, sem que todos os salários duplicassem, o custo da vida, nos três últimos anos, subiu quase 100 por cento.

OU A «BAIXA» PRODUTIVIDADE?

O lento crescimento da produção nacional também não é uma causa direta da carestia atual. Segundo "Conjuntura Econômica", no decênio de 46-56, a produção agropecuária "superou o ritmo de crescimento da população. Aumentou a produtividade do trabalhador rural (média de 8%). Também aumentou a produtividade na indústria. Entretanto, os preços dos produtos agrícolas e industriais não desceram ou se estabilizaram; dispararam.

QUATRO CAUSAS DA CARESTIA

Eis algumas das causas fundamentais da carestia no Brasil:

Os lucros fabulosos: A média de lucros no Brasil é de 40%, sendo que os lucros dos monopólios norte-americanos atingem até 1.000 por cento! Os preços sobem porque as empresas monopolistas procuram, por este meio, aumentar continuamente sua taxa de lucros.

Monopólio ianque de nosso comércio exterior: — O Brasil vive preso ao mercado norte-americano como colônia diante da metrópole. Em consequência entregamos cada vez maior quantidade de mercadorias em troca das que adquirimos nos Estados Unidos. Isto determina um encarecimento geral de preços no mercado interno. (Exemplos: em 1929 comprá-

vamos, com 20 sacas de café, um automóvel americano; hoje, compramo-lo com 100. O ano passado exportamos mais 2 milhões de sacas de café para os EE.UU. do que em 1954; entretanto, recebemos menos 98 milhões de dólares).

A especulação: — O governo não move uma palha para impedir a especulação. Os açambarcadores manobram impunemente. A Light e a Bond and Share, por exemplo, obtiveram todos os aumentos de tarifas que solicitaram do governo, embora tenhamos lucros exorbitantes.

Os aumentos de impostos: — Para não tocar nos grandes lucros o governo recorre, cada vez mais, aos impostos diretos, que forçam os aumentos de preços (Aumento de impostos de vendas e consignações, aumentos das tarifas do DCT, das taxas de previdência social, etc).

UMA CAUSA DO POVO: DETER A CARESTIA

A carestia da vida não é, por isso, irremovível. Pode ser imediatamente, pelo menos, atenuada. Cabe ao povo, unido e organizado, conseguir do governo medidas como: congelamento dos preços de alguns gêneros e serviços, escala móvel de salários, reatamento de relações com a U.R.S.S. e comércio com os países do campo socialista, taxa fortemente progressiva dos "lucros extraordinários", participação dos sindicatos e organizações populares nas COFAP e COAPS.

A luta contra a carestia é uma causa do povo que só o povo, através de manifestações e organizações, poderá tornar vitoriosa.



★ ★
«Abaixo o veto do Prefeito» — «Abaixo a Carestia» — «Salário-mínimo de 4.608 cruzeiros», gritavam milhares de trabalhadores durante a concentração em frente à Assembléia Legislativa. O povo paulistano, unido em torno de suas justas reivindicações, fará valer a sua vontade. A demonstração de força de terça-feira amplia a unidade dos trabalhadores, dos estudantes e das massas e será seguida de outras manifestações, inclusive um grande comício, dia 1.º próximo, na Anhangabaú. (Aspecto da concentração popular em S. Paulo).

SÃO PAULO DÁ EXEMPLO DE LUTA CONTRA A CARESTIA

Os sindicatos e as organizações estudantis de São Paulo uniram-se num pacto de ação comum contra os aumentos das tarifas de ônibus e bondes, contra a carestia da vida, por aumento geral de salários, pelo salário-mínimo local de Cr\$ 4.608,00. Expressão da força deste pacto de unidade foi a grandiosa concentração, realizada terça-feira última, frente à Assembléia Estadual, com a participação de dezenas de milhares de trabalhadores, estudantes e populares, por essas reivindicações.

No curso da preparação

da concentração os sindicatos estreitaram sua unidade foram às fábricas, mobilizaram os trabalhadores. As entidades estudantis aderiram ao movimento. Em concorrida solenidade, no Sindicato dos Metalúrgicos, líderes estudantis e sindicais apresentaram-se, com um livro e um martelo, simbolizando a unidade entre operários e estudantes na luta por objetivos comuns.

No dia 20, dia da concentração, em dezenas de fábricas os operários largaram o trabalho na parte da tarde. Oitenta por cento das empresas de marcenaria, carpin-

taria e tapeçaria paralisaram os serviços. As 16 horas toda a extensa praça, frente à Assembléia, estava superlotada.

O povo foi recebido, por designação da mesa da Assembléia, pelos deputados Cid Franco, Maurício Santos e Paulo Castro Viana. O primeiro, em caloroso discurso solidarizou-se com as reivindicações dos manifestantes.

A concentração transformou-se depois em passeata até a Câmara Municipal. O imenso cortejo, com suas faixas e cartazes e repêndido diversos «slogans» (salário-

mínimo de Cr\$ 4.608,00 — abaixo a carestia — abaixo o veto do prefeito) desfilou, por mais de uma hora, pelas ruas principais do centro da cidade. Na Câmara Municipal houve outro grande comício.

Foi decidido o envio de uma delegação ao Rio para expor ao presidente da República as reivindicações dos trabalhadores e povo paulistanos.

O povo de São Paulo dá um exemplo brilhante de luta concreta e organizada contra a carestia da vida.